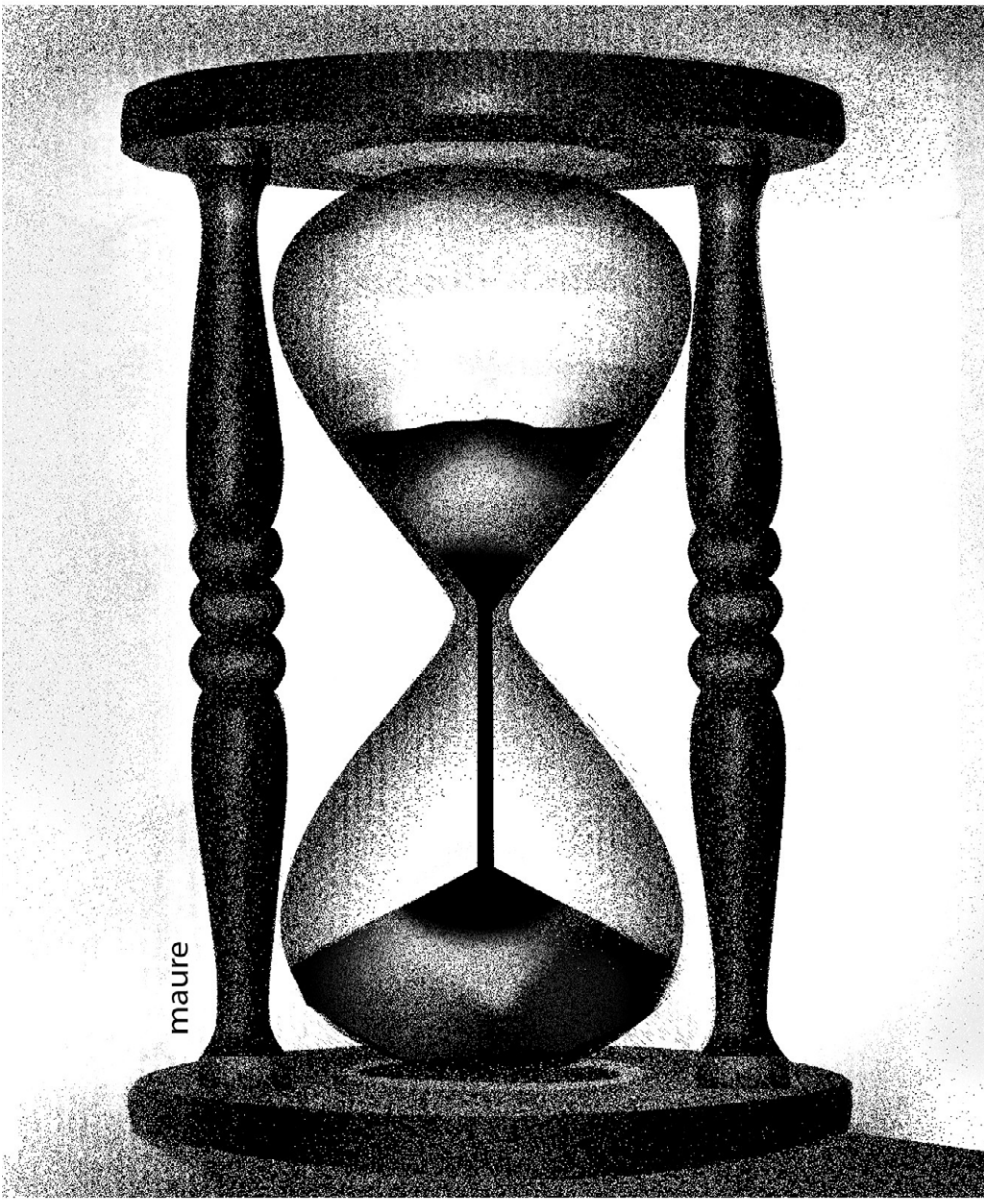


O sentido do bolsonarismo

» SACHA CALMON
Advogado



Essas mal escritas linhas estão inspiradas em José de Souza Martins, professor titular de sociologia na Faculdade de Filosofia da USP e professor da Cátedra Simón Bolívar, da Universidade de Cambridge, fellow da Trinity Hall. É ainda pesquisador emérito do CNPq e membro da Academia Paulista de Letras.

O Brasil político tem perdido um tempo enorme com assuntos adjetivos da crise. O bolsonarismo é consequência do lento agrupamento da diversidade e contradições que foram desdenhadas pelos partidos de motivação social. Aglomerado de resíduos antidemocráticos, da democracia frágil, encontrou lógica no conjunto de irracionalidades que deram vida à sua política do absurdo.

Seu objetivo tem sido assegurar ganhos de Primeiro Mundo num país de Terceiro Mundo, explosão da miséria, da fome, do desemprego. Só lentamente o Brasil político definiu como atuar nas eleições e também depois delas (uma frente democrática contra o autoritarismo e a herança maldita que dele ficará). Temos tratado o bolsonarismo como assunto menor e não como gravíssima anomalia em nosso processo político. Referimo-nos aos bolsonaristas como caricaturas ativas que tiveram êxito na usurpação do poder e no desmonte das conquistas sociais.

Não cuidamos de decifrá-lo, conhecer-lhe a origem, os fatores, o enraizamento na sociedade, a ação corrosiva contra as estruturas frágeis da democracia, as alianças de interesses antissociais que neles se corporificam. O bolsonarismo não está sozinho na crise e na agonia. O sistema partidário também está. As esquerdas, do mesmo modo, não estão a salvo. Os grupos e partidos políticos se determinam reciprocamente. Elas precisam retornar à dialética e rever criticamente quais são as contradições do momento histórico e a práxis social do possível.

Nosso grande desafio é o de assumir que o bolsonarismo, para ser superado, tem que ser estudado e conhecido como é, esdrúxulo objeto de conhecimento. A falta de seriedade do bolsonarismo tem que ser estudada a sério como problema social e político, como eficaz máquina de limitação da cidadania.

É ele expressão tardia e extemporânea de uma estratégia política que remonta ao período final da Segunda Guerra Mundial, quando já estava em andamento a Terceira Guerra. Não mais a do confronto de potências, mas a do confronto do Estado repressivo e armado contra a sociedade, para tratá-la como inimigo interno porque abriga os que perfilham carências sociais.

O bolsonarismo revela nossa alienação política, nossa dificuldade para contrapor uma ação política consequente a políticos de anedota. No bolsonarismo se reflete a alteração da realidade dos militares. Com ela a função dos militares encolheu. A definição de inimigo e o modo de combatê-lo é outra. O inimigo, praticamente no mundo todo, é hoje um inimigo inventado. E uma das funções

dos militares na atualidade é a de inventá-lo ou a de supô-lo para combatê-lo.

Os reais novos inimigos, por seu lado, como a produção e o tráfico de drogas, que aniquilam a vida de suas vítimas e o próprio capitalismo vicejam porque as forças de segurança não os têm como centros de referência. No cumprimento da função de desmantelar a sociedade e disseminar a desordem permanente, o bolsonarismo é expressão de uma realidade política propositalmente criada com o objetivo de instituir a insegurança, a incerteza e o medo como mediações permanentes da instabilidade política. E, nesse sentido, militarizar as instituições e a competência cidadã da sociedade.

Somos hoje parte de um sistema político e de uma economia mundializados. Os seus gestores com tecnologia, desmontam as bases sociais e políticas que fazem do homem comum autor da própria história. Não permitiremos, que a nossa democracia, sob a Constituição de 1988, seja conspurcada, tão torpemente, como trama o presidente da República.

Moro, como juiz ou político, está na raiz dos antidemocráticos atos do bolsonarismo, até por ter sido ministro de um governo medíocre na economia, na política e na ética.

Estamos convencidos de que os oficiais de nossas forças armadas não endossarão aventuras, inútil solúcia, para a implantação de ditaduras, como ocorreu nos EUA com Donald Trump. Trump foi condenado por incentivar a “marcha da invasão” do Capitólio, sede do Poder Legislativo norte-americano. Aqui, quem ousar perderá. Passou da hora o implante do controle externo das polícias militares do Brasil.

Bolsonaro faz de tudo para abalar a confiança do povo nas urnas eletrônicas, em uso desde o século passado sem registro de fraudes. Aliás, o presidente não reclamou quando foi eleito. Em verdade, está presente a premeditada canivetada que o tornou favorito nas eleições que o tornaram presidente do Brasil. Mas houve um “erro de pessoa”. A canivetada cobrou-lhe alto preço no próprio corpo, decorrente de suas escolhas.

Amazônia, um patrimônio nacional a integrar

» ADALBERTO LUIS VAL

Biólogo, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e membro titular da Academia Mundial de Ciências (TWAS)

Uma história de mais de 60 milhões de anos resultou no que conhecemos hoje como Amazônia: uma riqueza biológica, ambiental e cultural sem paralelos. É um mundo de informações valiosas que está escondido em cada genoma de cada espécie nos diferentes ambientes que compõem a região. Trata-se de uma área equivalente a 60% do território nacional, habitada por mais de 25 milhões de brasileiros. Um bioma à mercê de governos e nunca de um programa de Estado com claros objetivos de viabilizar a inclusão social e a geração de renda para seus habitantes, de adotar estratégias rígidas para a conservação de sua sociobiodiversidade. Enfim, uma região em ser. Um patrimônio nacional a integrar.

A Amazônia, definitivamente, tem todos os elementos para contribuir com o desenvolvimento nacional, não seguindo os protocolos convencionais, centrais e acumulativos para uma pequena parcela da sociedade, mas por meio de uma agenda aditiva, com conservação do ambiente e das riquezas escondidas na floresta e nas águas da região. Riquezas essas que incluem, por exemplo, cerca de 3 mil espécies de peixes de diferentes tamanhos, formas e comportamentos. Muitas espécies de peixes respiram ar valendo-se de diferentes estruturas corpóreas, muitas das quais peculiares como as regiões vascularizadas do trato digestivo ou a bexiga natatória modificada do gigante pirarucu. Outras,

quando desafiadas com águas com pouco oxigênio dissolvido, são capazes de expandir os lábios e capturar a fina camada superficial da coluna d’água, rica em oxigênio, como é caso do tambaqui.

Pirarucu e tambaqui são apenas duas das muitas espécies de peixes usadas como fonte de proteína na alimentação humana da região. O pirarucu é uma espécie que cresce até 15 quilogramas no primeiro ano de vida, um atributo sem paralelos entre os organismos usados como alimento. O conjunto mencionado de espécies de peixes, ao lado de tantos outros organismos que compõem a biodiversidade amazônica, representa a segurança alimentar de que o mundo precisa.

Os organismos que compõem essa riqueza biológica vivem em ambientes diversos e dinâmicos, com pulsos de cheia e vazante e diferentes tipos de água. São ambientes delicados e frágeis. Os impactos das atividades humanas e o aquecimento global representam desafios importantes para esses ambientes, posto que muitos organismos amazônicos já vivem próximo de seus limites térmicos superiores. Essas pressões ambientais também impõem o risco de ocorrência de novas zoonoses, que podem resultar em epidemias e pandemias. Contornar esses desafios significa conhecer a região, sem ignorar o conhecimento dos povos originários e das comunidades do interior.

É nesse aspecto que emerge talvez o

grande equívoco nacional: menos de 3% dos investimentos nacionais em ciência e tecnologia têm sido direcionados à Amazônia, fragilizando completamente a produção de informações robustas que permitam o desenvolvimento da região com a conservação das florestas e dos rios. A capacitação de pessoal está muito aquém do que a região precisa e não há uma agenda para a manutenção de pessoal qualificado nas instituições regionais.

Isso é uma ameaça à soberania no que se refere ao conhecimento da região, posto que a governança de uma região complexa como a Amazônia depende de informações adequadas e desenvolvidas para os seus desafios específicos. Contudo, o volume de informações existentes permite intervenções mais seguras na região desde que adequadamente utilizado. Muitas dessas informações podem e devem ser a base do estabelecimento de tecnologias apropriadas para a região e para, principalmente, o desenvolvimento de negócios envolvendo produtos da biodiversidade (bionegócios).

Enfim, é preciso eliminar definitivamente a linha de Tordesilhas que parece continuar dividindo o Brasil em duas partes: uma parte a conservar e integrar, a Amazônia, e uma parte que segue receitas convencionais de desenvolvimento.

(Este artigo foi escrito para a campanha #ciêncianaseleições, que celebra o Mês da Ciência)

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Procura-se um candidato à altura do Brasil

Todas as costuras políticas, alinhavadas nos bastidores pelos partidos e respectivos candidatos, feitas às vésperas do início oficial das campanhas, servem apenas às legendas para um eventual agrupamento de intenções, passando longe da realidade diária da população brasileira, que a tudo assiste entre absorta e indiferente.

É forçoso inferir que estamos em dois mundos distintos, separados por unidades astronômicas de distanciamento. Tudo isso se dá por uma simples razão: nesses dois polos, estão cada um cuidando da própria vida. Com um divórcio dessa natureza, impossível acreditar que haja sintonia de propósitos entre o que almejam os políticos e o que anseia, de fato, a população.

Somente após todas essas amarrações de bastidores será possível se estabelecer alguns rascunhos, feitos em papel de pão, de programas de governo. Desconhecem-se, até o momento, programas realistas, enxutos e exequíveis, apresentados pelas federações de partidos. Por certo não haverá também. Ainda que surjam, não haverá tempo suficiente para ser devidamente batido, nem internamente, nem, tampouco com os eleitores.

Estamos todos mergulhados no mais profundo dos primarismos em termos de agendas e de programas. De última hora, surgirão programas que nem mesmo os marqueteiros de cada federação conseguirão destrinchar em miúdos. É nesse improviso geral, arquitetados pelos caciques partidários e pelos candidatos, que rumamos para as eleições de outubro. Com uma paisagem desolada de ideias, é fácil prever que surpresas surgirão nas próximas campanhas.

O pobre do cidadão, a quem cabe engolir e bancar toda essa gororoba, feita às pressas, é que sofrerá durante as transmissões das propagandas obrigatórias. O pior é que todo esse esboço, mal ajambrado, em forma de programa de governo, não será implementado por candidato algum. É tudo propaganda vazia. Num mundo ideal, todo esse merchandising deveria ser regulado também pelos institutos de defesa do consumidor.

Muito mais útil ao cidadão e ao eleitor seria a Justiça Eleitoral obrigar todos os candidatos a comparecerem aos debates públicos, sob pena de abandono do pleito. Nesses debates, deveriam incluir também entidades de interesse público, desnudando cada um desses postulantes e mostrando para todo mundo quem é quem e quem pensa que é alguém.

O que temos, até aqui, são bonecos tipo marionete, cada um aqualando sem concorrente, tudo numa pobreza de ideias e projetos de fazer dó. A razão, por detrás de toda essa pantomima vazia pode ser encontrada, com facilidade, na não feitura de uma verdadeira reforma política, capaz de colocar cada ideia, cada partido, cada candidato no seu devido lugar.

Nessa altura dos acontecimentos, todo esse desarranjo, que tem pai, mãe e propósitos muito bem arquitetados por alguns postulantes, fica fácil intuir que todo esse arrasta pé eleitoral visa confundir o eleitor e embaralhar a sua razão, servindo por fim, somente, àqueles que querem iludir e tirar proveito eleitoral imediato, pouco importando as consequências futuras.

Esse trem desgovernado, que agora parte da estação, levando a bordo aqueles que são os legítimos candidatos de si mesmos, rumo a outubro, mostra que ainda temos muito que evoluir até que tenhamos representantes à altura de um país continental e de nação de tamanha importância estratégica para o mundo. É preciso, o quanto antes, fixar uma placa anunciando: Procura-se urgentemente, um candidato à altura do Brasil. Falar com os brasileiros de bem.

» A frase que foi pronunciada

“Naquilo que concordamos denominar ‘civilização’ reside inegavelmente um princípio diabólico do qual o homem apenas se deu conta, demasiado tarde, quando já não era mais possível remediá-lo.”

E.M. Cioran

Susto

» Aumenta a audácia dos hackers em prejuízo, dessa vez, de correntistas bancários. Imagine consultar sua conta no celular e ver que tudo se foi. Isso passou a acontecer depois que o token eletrônico surgiu. Se continuasse sendo uma chave nas mãos dos clientes, dificultaria a ação dos meliantes. Aliás, a lei branda para esse crime está contribuindo sobremaneira para o aumento das ocorrências.

Cuidado

» Ainda sobre o assunto acima, para se defender dos bandidos eletrônicos, os correntistas que sofreram esse tipo de ação passaram a usar dois celulares. Um apenas para movimentação bancária e outro para as redes sociais. A cada dia, está mais perigoso abrir links.

Sociedade

» Dia 2 de agosto, às 15h, a Câmara dos Deputados vai debater em audiência pública “A importância da Polícia Judicial na proteção de membros e serventuários do Poder Judiciário”. No Blog do Ari Cunha você vai saber como participar.

» História de Brasília

No eixo de acesso SO 09-10 há dois postes no meio da rua, cercados de asfalto por todo o lado. Parece Pindamonhangaba, mas é Brasília. (Publicada em 8/3/1962)